



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

A EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DO RECONHECIMENTO DAS ETNIAS ATRAVÉS DAS GERAÇÕES NAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE ALCÂNTARA MA NAS ÚLTIMAS TRÊS DÉCADAS

*Alexsandro Mendonça Viegas (UFMA) - alexbioviegas@gmail.com.br
Prof. Dr. André Luís Silva dos Santos (IFMA) - andresantos@ifma.ifma.edu.br*

RESUMO

A cidade de Alcântara MA foi uma das províncias mais ricas ao longo do século XVIII, entrando em decadência no final do século XIX, quando então os grandes senhores deixaram o município e o seu espólio foi herdado pelos escravos, agora como terra quilombola. A partir da década de oitenta iniciou o projeto aeroespacial brasileiro e o município sofreu profundas transformações. O objetivo deste estudo foi analisar o contexto em que a educação se encontra nos conflitos étnicos e de gênero na região, em especial nas últimas três décadas. O período escolhido faz referência à chegada do Centro de Lançamento de Alcântara (CLA) e ao conjunto de políticas públicas que culminaram com a construção da escola de ensino médio na cidade e a chegada do Instituto Federal de Educação (IFMA). As fontes utilizadas foram trabalhos que tratam da problemática na região acerca da pauperização, dos problemas de gênero, da discriminação racial e desrespeito a cultura e propriedade dos quilombolas, como os Laudos Antropológicos realizados pelo professor Alfredo Wagner Berno de Almeida, os trabalhos de Davi Pereira Junior, natural de Itamatatua, povoado de Alcântara, hoje doutorando na universidade do Texas-EUA, dos trabalhos de Danilo da Conceição Serejo Lopes, natural de Alcântara, acerca das questões do direito de propriedade, além da pesquisa de campo com professoras da educação básica e sua percepção do papel da educação no contexto da realidade local. O nosso trabalho mostrou resultados importantes acerca da educação local, o índice de analfabetismo elevado, a falta de um currículo escolar na educação básica e superior que traga a reflexão das questões étnicas e de gênero, além de trazer à luz dos debates os principais anseios e visões das professoras negras e descendentes de quilombolas das escolas na região, que assim como seus alunos e conterrâneos percebem a discriminação no campo da misoginia e do racismo, além da sensação de impotência por não conseguir desenvolver uma educação que valorize as suas origens, de mulheres negras que sobreviveram à escravidão e hoje podem contar sua história aos seus descendentes.

Palavras-chave: Alcântara, Educação, Quilombolas.

1 INTRODUÇÃO

A história da escravidão negra no Brasil é indiscutivelmente um fato dos mais relevantes no processo de formação da nossa população, assim como uma página obscura do comportamento humano de usar outro ser humano como um objeto de trabalho.



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

Os escravos que vieram para o Maranhão foram provenientes principalmente de Guiné Bissau e Angola. De acordo com Pereira, 2011 em 1822 a população da província era de 152.843 habitantes, dos quais 77.914 eram escravos, ou seja, mais da metade da população era constituída por escravos.

O município de Alcântara no contexto do século XIX era um dos mais ricos da província, possuía grandes casarões construídos ao modelo português onde viviam os senhores que regularmente mandavam seus filhos para estudar na Europa.

A economia era baseada principalmente na plantação de cana de açúcar, algodão e na criação de gado. As grandes propriedades eram mantidas pelo trabalho escravo e o regime monárquico da época garantia aos senhores de engenho, literalmente amigos do rei, o poder econômico e administrativo da região.

As transformações na região se deram como consequência dos eventos externos que ocorriam no Brasil e no mundo. Os movimentos abolicionistas, a revolução industrial, as pressões acerca do fim da monarquia e a instauração da República no Brasil foram golpes poderosos na estrutura monárquica e escravocrata do final do século XIX.

Os grandes senhores não tinham mais a mão-de-obra escrava para tocar suas lavouras e nem mesmo para servi-los em seus casarões, doravante dispendiosos demais para serem mantidos sem o auxílio dos cativos, agora libertos pela lei áurea.

O processo de abandono da região foi inevitável, os filhos dos senhores de engenho que moravam na Europa foram compulsoriamente repatriados e os casarões e fazendas paulatinamente abandonados a própria sorte ou comercializados a valores irrisórios.

A vinda para a capital da província era inevitável, São Luís estava em franco crescimento econômico, máquinas da revolução industrial que aqui chegavam permitiam um crescimento econômico diferente da cultura agrícola e muitos dos senhores alcantarenses haviam adquirido imóveis na capital nos quais vieram eles mesmos morar ou seus descendentes.

Mas e a rica cidade de Alcântara, seus casarões e suas grandes propriedades rurais, onde figurava neste momento, ao final do século XIX e início do século XX? As famílias de escravos descendentes de todo esse processo de escravidão que de acordo com Mario Meireles se inicia por volta de 1661, agora no século XX são os legítimos herdeiros da região.



XII

ENCONTRO
MARANHENSE DE
HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO

*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

No livro “A Noite Sobre Alcântara”, de Josué Montelo, os relatos da evasão dos grandes proprietários de terras da região tem um tom saudoso, histórico e dramático, quando da passagem do Coronel Natalino que vai pegar o barco para São Luís, atira a chave do casarão no mato e perde o barco, tem que voltar para casa, agora trancada e precisa da ajuda de um negro que fora escravo para procurar a chave melancolicamente perdida no mato e na escuridão da noite.

Esse relato representa bem o que foi Alcântara e o que ela se tornou, de província mais rica do Estado, a partir de então passaria a se constituir território quilombola. A partir de então, os povoados ao longo de todo o município se formariam dessa relação de compadrio entre as famílias.

As diferentes culturas iriam aos poucos se reconhecer como legítimas de sua origem. Diferentes crenças, diferentes saberes de acordo com a região da África de que foram provenientes. Alguns povoados se mostraram eficientes na agricultura e outros na pesca. Cultivavam principalmente mandioca, em especial para a produção de farinha, base da alimentação na região.

A vida dessas pessoas permaneceria inalterada a não ser pelas festas religiosas e na cooperação de trabalho entre as famílias até o final do século XX, quando um evento inimaginável transformaria profundamente suas vidas, de forma súbita e dramática.

Com o Decreto Estadual nº 7.820 de 12 de setembro de 1980, o governador do Maranhão, João Castelo, doa uma área de 52 mil hectares do município de Alcântara para o projeto de implantação da base aérea. A escolha do local se deveu a um aspecto geográfico, ou seja, a posição do centro de lançamento se dá a apenas um grau da linha do equador, gerando economia de combustível e maior eficiência no lançamento de projéteis ao espaço.

Àquela época não se fez nenhuma consideração acerca dos impactos socioambientais desse processo. O discurso era uníssono, o progresso estava chegando a Alcântara, os benefícios, no discurso, seriam inúmeros, melhorias na educação, saúde, infraestrutura e renda da população.

Mas o que de fato ocorreria nas próximas décadas, seria um incremento da pauperização da população e em relação à educação os dados mostrariam uma piora dos



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

indicadores e dentre os fatores mais graves, o claro desrespeito as etnias da região, deslocamento compulsório das comunidades quilombolas, o não reconhecimento da propriedade das suas terras e a legitimação do discurso de inferioridade em relação às pessoas da região.

2 AS TRANSFORMAÇÕES OCORRIDAS NAS ÚLTIMAS TRÊS DÉCADAS

O Maranhão historicamente apresenta o pior IDH do Brasil, sendo o último colocado no quesito renda per capita e expectativa de vida. Apesar de não ser o último colocado no item educação, muitos de seus municípios figuram entre os piores do país.

Desta maneira as promessas de implantação de uma base aérea e parcerias internacionais pareciam trazer possibilidades de investimentos em diversos setores possibilitando a melhoria de vida da população, reduzindo o analfabetismo e com investimentos em infraestrutura, reduziria impactos ambientais proporcionando um desenvolvimento sustentável na região.

...seria totalmente ilusório pensar que a ajuda internacional, da maneira como é hoje concebida e dispensada, resolva duradouramente qualquer problema que seja! A instauração em longo prazo de imensas zonas de miséria, fome e morte parece daqui em diante fazer parte integrante do monstruoso sistema de "estimulação" do Capitalismo Mundial Integrado (GUATTARI, 1990).

Mas a educação do Município não iria experimentar a concretização dessas promessas ao longo das últimas três décadas. Levando-se em consideração que a população de Alcântara tem em torno de vinte e dois mil habitantes e três quarto deles vivem em zona rural, seria lícito dizer que mais da metade da população não tem acesso à educação básica.

Enquanto isso, os quilombolas de Alcântara ficam renegados, a margem das políticas públicas, ao passo que o Estado brasileiro procura mandar, literalmente, dinheiro para o espaço em função de um projeto notoriamente fracassado. Na luta diária e na espera, os quilombolas ficam aqui na terra, dependendo de uma decisão que deverá vir dos céus (perdoem o trocadilho). Quando? Outros estudos dirão!(LOPES, 2016, p 78)

A escola oferecida pela base aérea para os filhos de militares também é aberta aos habitantes do município, mas ela fica dentro da vila militar há alguns quilômetros de distancia da sede, dos povoados e das agrovilas, então sem transporte não há como ter acesso ao local.



XII

ENCONTRO
MARANHENSE DE
HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO

*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

De acordo com a PNUD, a proporção de crianças e jovens frequentando ou tendo completado determinados ciclos indica a situação da educação entre a população em idade escolar do Estado e compõe o IDHM Educação.

No município de Alcântara, a proporção de crianças de 5 a 6 anos na escola é de 89,71%, em 2010. No mesmo ano, a proporção de crianças de 11 a 13 anos frequentando os anos finais do ensino fundamental é de 77,48%; a proporção de jovens de 15 a 17 anos com ensino fundamental completo é de 24,75%; e a proporção de jovens de 18 a 20 anos com ensino médio completo é de 20,90%. Entre 1991 e 2010, essas proporções aumentaram, respectivamente, em 77,83 pontos percentuais, 68,21 pontos percentuais, 19,80 pontos percentuais e 17,02 pontos percentuais (PNUD, 2013)

Em 2010, 71,53% da população de 6 a 17 anos do município estavam cursando o ensino básico regular com até dois anos de defasagem idade-série. Em 2000 eram 53,58% e, em 1991, 63,84%. Dos jovens adultos de 18 a 24 anos, 2,47% estavam cursando o ensino superior em 2010. Em 2000 eram 0,32% e, em 1991, 0,00%.

Educação é princípio fundamental de desenvolvimento de uma sociedade, os exemplos no mundo são fartos, a relação entre qualidade da educação e desenvolvimento socioeconômico em geral caminham juntos, se estamos nos referimos a sociedades de caráter ocidental como a nossa, nas comunidades de saberes tradicionais usa-se de critérios distintos.

Ao não ter respeitado os seus saberes tradicionais, as comunidades locais passam a sofrer o risco da perda dos seus costumes, o que de maneira geral tem um efeito amplo em relação à cultura de maneira geral.

Nessa toada, faz-se imperioso dizer que, quando se permite o desaparecimento de um determinado grupo étnico (quando lhes priva, por exemplo, o acesso à totalidade do território), não se viola apenas o direito daquele grupo localizado, mas perde também toda a sociedade brasileira, “atuais e futuras gerações”, porque lhes será negado o direito de conhecer a cultura de um grupo que compunha o patrimônio cultural do país. Em outras palavras, a hermenêutica realizada em torno do art. 68 ADCT deve nutrir íntima harmonia com o artigo 215 e 216 da Carta Maior de 1988 (LOPES, 2016).

Em conversas informais com as professoras da educação básica das escolas do município, fica clara a insatisfação das mesmas em relação à ausência nos currículos da própria história do município, da importância da preservação das etnias locais a partir do reconhecimento da sua cultura.



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

Na educação de ensino médio oferecida pelo governo do Estado e de ensino superior oferecida pelo governo federal pelo IFMA, a presença de uma maioria de professores de outras regiões, que em sua maioria vai à cidade apenas no dia de ministrar suas aulas e retornam aos seus domicílios, tornam suas aulas conteudistas, sem nenhum nexo a historicidade dos seus alunos.

2.1 Expectativas futuras

O Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (2007) lembra que, mais de trinta anos após a instalação da base aérea de Alcântara, nunca foi elaborado um estudo de impacto ambiental da região ocupada pelo projeto, a situação das pessoas remanejadas e das que vivem até hoje sob ameaça de remanejamento não são discutidas nem consideradas senão por aqueles que conhecem de perto a problemática e têm como suporte a pesquisa científica fomentada e apoiada pelas universidades.

O próprio Ministério Público Federal encomendou um estudo antropológico das comunidades quilombolas de Alcântara como forma de embasar ação civil pública em defesa dos territórios e da autodeterminação étnico-racial.

A mobilização social dessas comunidades tem na perícia antropológica um de seus principais trunfos, símbolo da conquista do direito à justiça, ao território tradicional, à visibilidade pública de sua realidade e de suas visões de mundo. A saga das comunidades negras rurais de Alcântara traduz, num outro espectro, a luta de várias minorias e movimentos sociais para transpor as fronteiras das injustiças e desigualdades que assolavam e, em alguns casos, ainda assolam o país, impondo aos seus protagonistas um isolamento da realidade nacional (ALMEIDA, 2006).

A ausência de um projeto de uso e ocupação do solo faz com que nos dias de hoje grande parte da população do Município de Alcântara advinda das agrovilas, criaram um modelo paisagístico que já começa a comprometer sua riqueza original, o acervo histórico e a preservação de sua cultura, comprometidos pela pobreza e carência do suprimento de suas necessidades básicas.

As novas negociações com os EUA e a quase certeza de ampliação da área ocupada pelo Centro de Lançamentos de Alcântara (CLA) trazem velhas preocupações de deslocamentos compulsórios e usurpação de direitos associados a aumento da pauperização e impactos socioeconômicos e culturais.



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

Mas as pessoas da comunidade se sentem hoje fortificadas pelos eventos recentes, nas últimas três décadas a democracia se fortaleceu no país, os sistemas de informação são mais eficientes, a educação em todos os níveis se faz mais presente na vida das pessoas, de maneira que sabe-se que o governo federal vai buscar saídas negociadas e não tomar decisões puramente impositivas como outrora.

2.2 O contexto étnico e os saberes tradicionais e da educação formal

As transformações culturais ocorridas nos últimos anos trazem consigo a percepção do esquecimento de costumes tradicionais fundamentais para a vida social como um dia foi organizada. É compreensível que transformações sociais são parte da história de construção de modelos sociais, mas modificações abruptas e impositivas podem extinguir culturas inteiras sem permitir subsistência de herdeiros.

Os conjuntos culturais e conjuntos de conjuntos- estão continuamente em construção, desconstrução e reconstrução, sob o impacto de múltiplos processos que operam sobre amplos campos de conexões culturais e sociais. Esses processos e essas conexões são ecológicos, econômicos, sociais, políticos; eles compreendem também pensamento e comunicação (WOLF, 2003, p. 297).

A tentativa de adaptação a um novo estilo de estruturação social trouxe aos indivíduos a necessidade de sobrevivência sob uma nova óptica, ter que se qualificar profissionalmente para ter um emprego e depois ganhar um salário, algo até muito pouco tempo impensável para as pessoas da comunidade.

Os seus saberes tradicionais se perdendo e a dificuldade em apreender novos saberes em um curto espaço de tempo, trouxe então adaptações pouco usuais para a região, como a criminalidade e prostituição.

É incerto o futuro das pessoas ao longo do tempo da região, o êxodo continua sendo a saída mais comum e a ocupação de áreas periféricas da sede do município acentuam as problemáticas mais graves ocorridas nas últimas décadas.

Ter proximidade com sua realidade e poder expressar seus sentimentos na literatura pode ser libertador e também pode demonstrar naquele momento e por muitas gerações os relatos da sua condição, podendo inclusive ser o ponto de partida para transformações significativas da sua história através da educação.



XII

ENCONTRO
MARANHENSE DE
HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO

*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

De que outra forma teríamos conhecimentos dos tratamentos desumanos a que foram submetidas as pessoas descendentes de escravos se não por relatos de pessoas, em especial mulheres negras como Maria Firmina dos Reis, Maria José Aragão e Carolina Maria de Jesus.

Em obras como “Quarto de Despejo” e “Diário de Bitita” os relatos da fome, das violências sofridas, da maneira desumana como as pessoas eram tratadas nos deixa não apenas um relato de discriminação, mas principalmente uma herança literária de sobreaviso de como temos que ser vigilantes para nos proteger de flagelos sociais como a discriminação racial.

O homem pobre deveria gerar, nascer, crescer e viver sempre com paciência para suportar as filúcias dos donos do mundo. Porque só os homens ricos é que podiam dizer: Sabe com quem você está falando para mostrar a sua superioridade. Se o filho do patrão espancasse o filho da cozinheira, ela não podia reclamar para não perder o emprego. Mas se a cozinheira tinha filha, pobre negrinha! O filho da patroa a utilizaria para o seu noviciado sexual. Meninas que ainda estavam pensando nas bonecas, nas cirandas e cirandinhas eram brutalizadas pelos filhos do senhor Pereira, Moreira, Oliveira, e outros porqueiras que vieram do além-mar. No fim de nove meses a negrinha era mãe de um mulato, ou pardo. E o povo ficava atribuindo paternidade: Deve ser filho de Fulano! Deve ser filho de Sicrano. Mas a mãe, negra, inciente e sem cultura, não podia revelar que o seu filho era neto do doutor X, ou Y. Porque a mãe ia perder o emprego. Que luta para aquela mãe criar aquele filho! Quantas mães solteiras se suicidavam, outras morriam tísicas de tanto chorar. O pai negro era afônico; se pretendia reclamar, o patrão impunha: Cale a boca negro vadio! Vagabundo! O único recurso era entregar-se para Deus, que é o advogado dos pobres. (JESUS, 1986, p 34, 35).

A festa mais popular do município de Alcântara retrata a quase ida de Dom Pedro II ao município. As ruínas dos dois casarões semiconstruídos para a sua recepção ainda estão lá como testemunhas da decadência da aristocracia do final do século XIX. Então pode-se perceber que a festa valoriza uma história do período imperial, não dos escravos que sofreram ou morreram para construir os casarões.

Os relatos do tratamento desumano que essas pessoas sofriam no Brasil imperial com certeza poderiam ser contados nas escolas, não apenas como simples relatos, mas como testemunho histórico do que seus antepassados sofreram e que até hoje reflete-se como desrespeito aos seus direitos culturais e sociais.

As transformações regionais são irreversíveis, a maneira de se adaptar a essa nova realidade deverá ser construída paulatinamente, mas com certeza a tenacidade de um povo que sobreviveu a escravidão e a tantas dificuldades ao longo de sua história durante séculos



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

vai preservar sua existência da maneira mais harmônica possível entre cultura, ambiente e sociedade.

3 CONCLUSÃO

Em 2016 o Governo do Estado do Maranhão fez uma reforma da escola de ensino médio do município e entregou à comunidade um prédio novo e com uma nova denominação.

A escola deixaria de ter o nome de um antigo prefeito, ainda vivo e passou a se chamar Professor Aquiles Batista Vieira e o novo diretor agora eleito pela comunidade acadêmica passou a ser Mauro Brito, filho de Alcântara que estudou na escola e fez faculdade de Biologia em São Luís.

Aprovado em concurso público, já era professor da escola há vários anos e agora diretor, se emocionou no dia da entrega do novo prédio no “coco da ema” como é conhecida a ladeira de saída da cidade.

Pequenos fatos como os descritos acima, a troca do nome de uma escola e a escolha de um diretor, professor negro e descendente da comunidade, pode trazer diferenças profundas na história da educação do município.

A educação infantil e do ensino fundamental ainda depende das professoras, em sua maioria mulheres negras e mal remuneradas. Elas ainda questionam as metodologias de ensino que não privilegiam um currículo que valorize a cultura local e que resgate as lutas seculares dos seus antepassados.

A nossa pesquisa verificou que o povo de Alcântara é bastante ciente de sua realidade e que busca lutar contra as injustiças sociais de que é vítima há muito tempo. Tem orgulho de seu passado escravocrata e sua pele negra, gostam da cultura afro e dos seus saberes tradicionais.

Mas os educadores se preocupam sobremaneira com a invasão de uma nova cultura, tecnologias que trazem consigo a cultura ocidental hegemônica e carregam conceitos de que ser negro e viver em uma cidade do interior é sinônimo de atraso e pobreza.

Desta maneira, percebemos que a educação tem papel fundamental na mediação do futuro da comunidade. Exemplos como Danilo Serejo, advogado, alcantareense que hoje trabalha na secretaria de direitos humanos do estado do Maranhão ou de Davi Pereira fazendo doutorado no Texas-EUA, natural do povoado de Itamatatua e no meu caso, professor e



XII

ENCONTRO
MARANHENSE DE
HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO

*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

mestrando em Cultura e Sociedade UFMA, somos a prova viva da importância da educação na trajetória da nossa própria história.

A história das sociedades humanas mostra que quase sempre foi através da educação que se dirimiu diferenças sociais e por vezes econômicas e culturais entre os indivíduos. Alcântara não é um caso distinto, sempre será através da educação e sua trajetória que vamos valorizar saberes, sejam eles da educação básica, superior ou adquirida tradicionalmente nas comunidades pelos mais velhos ensinando aos mais jovens num ciclo eterno de sobrevivência inserida no conhecimento.

ABSTRACT

The city of Alcântara MA was one of the richest provinces throughout the eighteenth century, falling into decline in the late nineteenth century, when the great masters left the municipality and their estate was inherited by the slaves, now as quilombola land. From the eighties the Brazilian aerospace project began and the municipality underwent profound transformations. The purpose of this study was to analyze the context in which education is found in ethnic and gender conflicts in the region, especially in the last three decades. The period chosen refers to the arrival of the Alcântara Launch Center (CLA) and the set of public policies that culminated in the construction of the high school in the city and the arrival of the Federal Institute of Education (IFMA). The sources used were studies dealing with the problems in the region about pauperization, gender problems, racial discrimination and disrespect to the culture and property of quilombolas, such as the Anthropological Reports by Professor Alfredo Wagner Berno de Almeida, the works of Davi Pereira Junior, a native of Itamatatua, a town of Alcântara, now a doctoral student at the University of Texas-USA, of the work of Danilo da Conceição Serejo Lopes, a native of Alcântara, on issues of property rights, as well as field research with primary education teachers and their perception of the role of education in the context of local reality. Our work has shown important results on local education, the high illiteracy rate, the lack of a school curriculum in basic and higher education that reflects on ethnic and gender issues, as well as bringing the main visions of black women and descendants of quilombolas from schools in the region, who, like their students and compatriots, perceive discrimination in the field of misogyny and racism, as well as the feeling of impotence for not being able to develop an education that values their origins, black women who survived slavery and today can tell their story to their descendants.

Keywords: Alcântara. Education. Quilombolas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Os quilombolas e a Base de Lançamento de Foguetes de Alcântara: laudo antropológico*. Brasília: MMA, 2006. v. 2.



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: *Jorge Zahar*, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **As duas faces do Estado**. Disponível em: [http:// www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=1080](http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=1080). Acesso em 12 fev. 2012.

COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DE SÃO PAULO. **O conflito com o Centro de Lançamento da Aeronáutica. Comunidades Quilombolas do Estado do Maranhão**. Disponível em: www.cpisp.org.br/comunidades/html/brasil/ma/_alcantara/Alcantara_conflito.html

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 1990.

IBGE. **Taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade**. IBGE, Censo Demográfico 2010.

JESUS, Maria Carolina. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

LOPES, Danilo da Conceição Serejo. **As territorialidades específicas como categoria de análise na construção do direito de propriedade das Comunidades Quilombolas de Alcântara**. São Luís, 2016. Dissertação (Mestrado) – Curso de Cartografia Social e Política da Amazônia, Universidade Estadual do Maranhão, 2016. 94f.

PEREIRA JUNIOR, Davi. **Quilombos de Alcântara: território e conflito – Intrusamento do território das comunidades quilombolas de Alcântara pela empresa binacional, Alcântara Cyclone Space**. Manaus Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

PEREIRA, Josenildo de Jesus. **Na fronteira do cárcere e do paraíso: um estudo sobre as práticas de resistência escrava no Maranhão oitocentista**. 2001. Dissertação (Mestrado em História)- Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, SP.

PLATAFORMA Brasileira de Direitos Humanos, Econômicos, Sociais e Culturais. **A situação dos direitos humanos das comunidades negras e tradicionais de Alcântara. O direito à terra e à moradia dos remanescentes de quilombos de Alcântara, MA - Brasil**. Relatório da Missão da Relatoria Nacional do Direito à Moradia Adequada e à Terra Urbana. São Paulo, Instituto Pólis, 2003. 56p.

PROJETO Nova Cartografia Social da Amazônia. **Quilombolas atingidos pela Base Espacial de Alcântara**. São Luís: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, 2007.

WOLF, Eric. **Cultura: panacéia ou problema?** In: WOLF, Eric. *Antropologia e Poder*, contribuições de Eric Wolf. Brasília: Editora UnB, pp. 291-306, 2003.